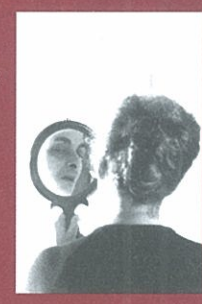
AS ARTES ENTRE AS LETRAS

DIRECTORA: NASSALETE MIRANDA | 10 FEVEREIRO DE 2010 | Nº19 | PREÇO: 2 EUROS | QUINZENALMENTE ÀS QUARTAS

ISSN: 1647-290X

arte | PÁG. 14

"Arquivo fotográfico"



A Galeria Alvarez mostra películas únicas de Vieira da Silva. Esta exposição, patente até 3 de Março, na Rua Miguel Bombarda, pretende relembrar mais um artista que Jaime Isidoro divulgou e com o qual conviveu a partir de 1951, altura em que a visitou na sua casa em Paris.

em destaque | António Manuel Pires Cabral recebe o prémio de poesia Luís Miguel Nava 2009 | PÁG. 27

"Sou uma espécie de homem--orquestra, nesta coisa da escrita"

A Casa Fernando Pessoa e a Fundação Luís Miguel Nava entregam hoje o Prémio de Poesia Luís Miguel Nava 2009 a A. M. Pires Cabral, pelo livro As Têmporas da Cinza. "A limpidez e a precisão da sua escrita, a sua penetrante e austera visão dum mundo cuja expressão encontra numa espécie de imitação da terra o modelo para uma linguagem poética de invulgar intensidade, fazem deste autor um dos casos mais representativos da nossa melhor poesia contemporânea".

DR

Biblioteca central da FLUP aposta na tecnologia

entrevista | PÁGS. 4 E 5

arte | PÁG. 13

'Alerta'

O pintor Alexandre Rola interessa-se "pelas coisas gastas, que já tiveram vida, que já tiveram experiência". É uma arte de alerta: deu voz aos sem abrigo na exposição 'Home+' e agora trabalha – diz – num "motivo mais alegre", que é o circo.

arte | PÁG. 13

Ballet

A Professional Ballet School of Porto Vassiliev e Schürmann aplica o método de Roman Vassiliev no seu ensino. A escola e os dois bailarinos profissionais estão na Invicta há cerca de um ano e mudaram-se para "dar oportunidade às pessoas do Porto de estudar com qualidade".

lusofonia | PÁGS. 18 E 19

Mia Couto

Lendo a obra de Mia Couto, seus romances e contos, fica-nos uma imagem de Homem assaz complexa, moldada pelas contingências geográficas, históricas, sociais e étnicas. Aqui limitamo-nos a algumas conclusões tiradas a partir de um estudo exaustivo não só dos textos, como das condições da sua produção e das contingências históricas que lhes servem de pano de fundo.

por Manuela Salvador Cunha

PORTO. CIÊNCIA E FUTURO. Cidade de Ciência

PORTO Cidade de Ciência

A UNIÃO DE GERAÇÕES.

PORTO Câmara Municipal

entrevista

"O conhecimento é património da humanidade"

João Leite, director do serviço de documentação e sistemas de informação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, está seguro que o futuro das bibliotecas está a salvo. «As ARTES entre AS LETRAS» foi conhecer a biblioteca da FLUP, onde as novas tecnologias têm um lugar de destaque, mas que não retiram nem substituem o livro em papel. Guardadora de verdadeiros tesouros, a Biblioteca, debate-se neste momento com a falta de espaço mas "Investir em informação e conhecimento e nos meios tecnológicos que permitam o acesso fácil, rápido e uma resposta eficaz aos nossos utilizadores é a nossa principal preocupação", assevera João Leite.

Maria José Guedes
Fotos | *Biblioteca da Faculdade de Letras da UP*

Se tivesse que nos fazer uma visita guiada, aqui na Biblioteca da Faculdade de Letras da UP, por onde é que devíamos começar?
Numa Biblioteca devemos sempre começar pela entrada principal. Neste caso, falando da Biblioteca Central, o hall de entrada é como que um cartão de visita que oferecemos aos nossos leitores. Ao transpor as portas da Biblioteca o leitor é recebido por uma equipa, a equipa do Serviço de Referência Leitura e Empréstimo, sempre disposta a atendê-lo o melhor possível. Trata-se de uma área multifuncional onde se pode aceder ao catálogo, à Internet e aos múltiplos recursos electrónicos que a Biblioteca disponibiliza. No hall de entrada sucedem-se exposições bibliográficas, quase sempre temáticas e, muitas vezes relacionadas com eventos que ocorrem na Faculdade. Transposta a entrada principal passa-se de imediato ao nosso piso de referência onde temos acesso a uma excelente colecção de obras emblemáticas em suporte tradicional, isto é em papel, bastante usada e apreciada pelos nossos leitores. Começaríamos obviamente por aí... em termos espaciais a biblioteca desenvolve-se na vertical, em seis pisos, cada um com as suas especificidades; assim, subir ao piso 1 ou descer ao piso -4, é indiferente porque toda a biblioteca merece ser visitada.

Esta é a Biblioteca Central.
Sim, é a Biblioteca Central da Faculdade de Letras.

Depois tem vários «braços»!
Exacto. Cada Departamento tem uma pequena biblioteca especializada, e em cada uma dessas bibliotecas existe um funcionário que garante a sua abertura e o acesso ao acervo. A Biblioteca Central responsabiliza-se pelo apoio técnico no tratamento dessas colecções.

Quem é que pode frequentar este espaço?
A Biblioteca Central está aberta a todos: professores, investigadores, estudantes, funcionários da FLUP e da Universidade do Porto em geral. Uma das nossas grandes apostas, de há uns anos a esta parte, tem a ver com a abertura a uma comunidade cada vez mais alargada de leitores externos.

O espólio da Biblioteca está contabilizado?
Com certeza. A Biblioteca tem neste momento registados na base de dados e catalogados cerca de 197 mil títulos, o que corresponderá a aproximadamente 220 mil volumes. Ainda temos algumas colecções por catalogar. Eu diria que o acervo da Biblioteca deve rondar os 260 mil títulos.

Tem também serviço de restauro das publicações?
Não. A Faculdade é que tem um Gabinete de Conservação e Restauro integrado no Departamento de Ciências e Técnicas do Património, portanto não é um serviço directamente ligado à Biblioteca.

Sempre existiu muito a tradição das doações de colecções às bibliotecas, primeiras edições, livros raros..., ainda acontece?
Sim. Ainda acontece com alguma frequência. O nosso grande problema, relativamente às doações e ofertas, tem a ver com o espaço, ou melhor, com a falta dele. A Biblioteca, neste momento, enfrenta problemas complicados no que diz respeito ao armazenamento de livros e revistas, o que significa que teríamos alguma dificuldade em aceitar grandes doações. No entanto, convém não esquecer que valorizar o património é uma das funções de quem gere as bibliotecas.

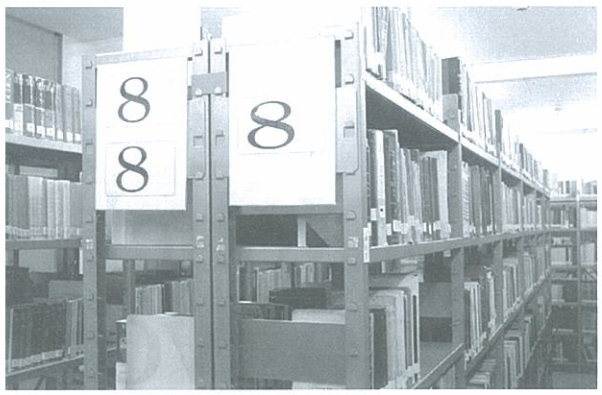
Podemos então concluir que uma das grandes dificuldades da Biblioteca é a falta de espaço...
Trata-se de um problema que já estamos a equacionar. Existem, actualmente, soluções que não exigem grandes investimentos.

O orçamento da Biblioteca é apertado?
As bibliotecas universitárias em Portugal por norma não gerem orçamento próprio de forma autónoma. No caso desta Biblioteca, anualmente é apresentada à Direcção da FLUP uma proposta de plano de actividades e orçamento e é com base nesse documento que é feita a gestão dos serviços. Por força de várias circunstâncias que decorrem de uma conjuntura pouco favorável o orçamento tem vindo a descer.

Ainda fazem aquisições de bibliografia?
Sim fazemos, embora nos últimos anos tenha havido uma redução assinalável nas aquisições de documentos em papel. Quanto às publicações periódicas científicas, neste momento praticamente só as adquirimos em formato digital. O peso que as revistas em papel têm, hoje, aqui, é residual. A tendência é mesmo para que a revista científica seja apenas editada e disponibilizada nesse suporte. O custo de edição, a actualidade de cada um dos números, e o espaço físico que ocupam, entre outros, são factores que nos fazem optar pelo formato digital, mesmo que a publicação exista em papel. Repare que a edição em papel chega sempre com um atraso de dois, três meses, se falarmos de publicações estrangeiras, ao passo que a edição digital está disponível na hora. No momento em que é editada fica disponível, o que se torna numa mais-valia para quem faz investigação.

E as colecções raras que a Biblioteca ambiciona?
Temos investido muito pouco nesse tipo de documentos nos últimos tempos. Possuímos uma colecção interessante de obras pertencentes ao núcleo de reservados. Acabamos há pouco de tratar uma colecção que está aqui depositada. Falo da Biblioteca do Dr. Pedro

entrevista



Veiga doada à Universidade do Porto nos anos 70. Este fundo integra milhares de obras valiosas, algumas delas únicas. Muitas destas nunca chegaram a entrar nos circuitos comerciais, tornando-se, assim, verdadeiras raridades que hoje temos o gosto de podermos disponibilizar aos nossos leitores.

Essas preciosidades mereciam um museu dentro da Biblioteca?
Tentamos não tratar essas obras como peças de museu. São sobretudo peças para estudar, eu diria mesmo para "explorar". Temos de facto uma colecção muito interessante! Temos a primeira edição da tradução dos Lusíadas para língua inglesa, algumas primeiras edições de contemporâneos que já não existem no mercado, e outras que podem ser já consideradas muito raras. Somos, acima de tudo, uma biblioteca universitária actual e actualizada que apoia o ensino e a investigação. A nossa preocupação é ter bibliografia actualizada para responder, em primeiro lugar, aos nossos investigadores, docentes e estudantes. Neste momento o nosso investimento vai nesse sentido – no sentido da actualização de colecções que são úteis no dia-a-dia.

O suporte em papel está a ficar obsoleto?
No que diz respeito às revistas científicas a tendência é essa. Em relação ao livro já não diria o mesmo. A edição e o mercado do livro têm características novas, estão diferentes, evoluíram e continuam pujantes. As próprias editoras, através dos seus portais ou recorrendo a entidades como o Google, disponibilizam grandes volumes de informação textual em suporte digital, obviamente para estimular a aquisição do formato original, em papel.

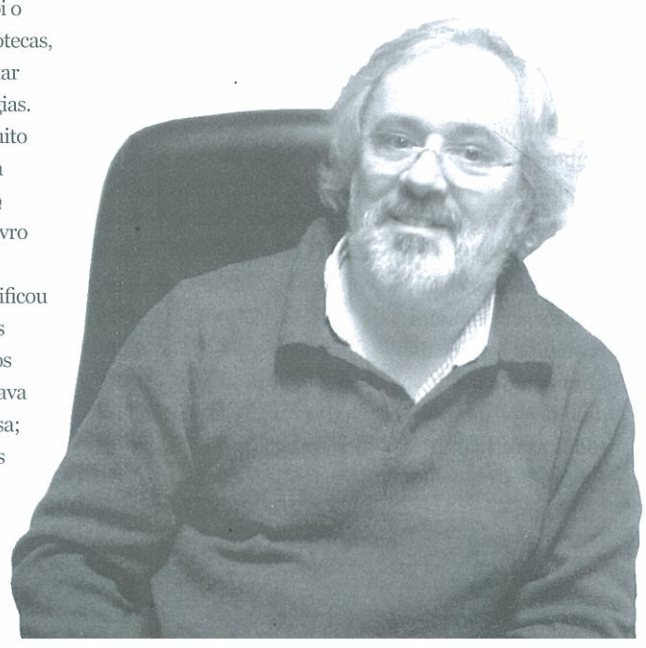
Já começa a existir um elevado número de pessoas que vaticinam o fim do livro...
Já se dizia isso há três décadas. Há uma obra editada há 30 anos em Inglaterra, com o título " The end of Libraries" que, na altura, fez uma previsão bastante rigorosa do que iria acontecer no mundo das bibliotecas e do livro. O que definitivamente não aconteceu foi o fim das bibliotecas e do livro porque, quer as Bibliotecas, quer as Editoras souberam readaptar-se e aproveitar muito bem as pontencialidades das novas tecnologias. Não sei, mas o destino do actual e-book poderá muito bem ser o mesmo da microficha, do microfilme, da disquete e do cdrom, se nos reportarmos ao tempo em que surgiram como potenciais substitutos do livro no seu suporte tradicional. Veja o que, entretanto, aconteceu! Mesmo com toda a evolução que se verificou ainda não estamos próximos do fim do livro ou das bibliotecas. Recordo que há uns 15 anos adquirimos aqui, para a Biblioteca da FLUP um CD que integrava cerca de 500 títulos de clássicos da literatura inglesa; hoje não conseguimos consultar esse CD porque os computadores que actualmente utilizamos não o conseguem abrir. Actualmente esse CD é muito mais peça de museu do que a edição dos Lusíadas, do século 17, que integra o nosso núcleo de reservados!

Ainda existe a necessidade de mexer no papel...
Não é só por isso que o livro em papel resiste. Há, também, a considerar o plano psicológico, sensorial: o cheiro, o mexer, o folhear, os rituais de leitura que nos formatos digitais não são possíveis. E esses rituais de leitura fazem com que muitas pessoas não abdiquem da leitura do livro no seu formato tradicional.

As bibliotecas estão a salvo, portanto?
Acho que as bibliotecas estarão sempre a salvo se souberem aproveitar os novos formatos e se continuarem a ter a capacidade de adaptação e de reinvenção que têm demonstrado possuir ao longo dos tempos. Se é certo que as novas tecnologias não conduziram ao fim das bibliotecas, também é certo que, actualmente, as bibliotecas dificilmente sobreviveriam sem o recurso às tecnologias.

Foi uma das preocupações desta Biblioteca, actualizar-se e disponibilizar a quem a frequenta todas as opções de consulta, utilizando as novas tecnologias?
Neste momento nós disponibilizamos muita informação em formato digital. Nos últimos anos tem sido feito um investimento significativo na aquisição de bases de dados de texto integral e de revistas electrónicas. No entanto, e apesar desse investimento, existem dados que me levam a afirmar que a consulta do livro em papel está longe de vir a ser substituída pela recurso a novos formatos. Na Biblioteca da FLUP os movimentos para a utilização do livro e da revista não têm descido, estão estáveis. E quando falo em movimentos, falo de pedidos de empréstimo, renovações de prazos de empréstimo, pedidos de reserva e o certo é que alguns desses movimentos até têm vindo a crescer por via da utilização das novas tecnologias.

Estamos a falar de que números?
Estamos a falar de uma ordem de 110 mil movimentos por ano, mas aumentaram aqueles movimentos que são possíveis à distância. Uma obra que é muito requisitada pode ser reservada pelos nossos leitores a partir de casa, a renovação de um prazo de empréstimo pode ser efectuado à distância, e o número desse tipo de movimentos cresceu muito nos últimos tempos.



Tendencialmente crescente, os nossos leitores utilizam cada vez mais as funcionalidades que o sistema oferece para poderem usufruir de um conjunto de serviços que podem ser utilizados onde quer que estejam, desde que tenham disponível uma ligação à Internet. É obvio que o aumento da oferta de documentos electrónicos conduz, inevitavelmente, ao aumento da consulta desses documentos, e, hoje, a Biblioteca da FLUP tem como uma das suas principais preocupações disponibilizar informação em formato digital que, em complementaridade com os formatos tradicionais, responda às reais necessidade dos utilizadores. Por outro lado, e à nossa dimensão, tentamos também contribuir para uma maior visibilidade da produção científica através da disponibilização de todas as edições da FLUP em formato digital. A Biblioteca Digital da FLUP oferece, presentemente, toda a produção editorial da Faculdade, o que corresponde a cerca de 300 títulos de publicações que integram aproximadamente 5000 documentos electrónicos em acesso aberto.

Esta Biblioteca não tem que ficar «envergonhada» em relação às bibliotecas das universidades europeias?
Não, absolutamente. Tendo em conta os recursos que oferece e os serviços que presta, a Biblioteca da FLUP atingiu um nível de desempenho que nos permite afirmar que nos encontramos muito bem posicionados no contexto das Bibliotecas Universitárias portuguesas e até mesmo europeias.

Quais são as grandes prioridades da Biblioteca?
Se mantivermos o padrão médio de aquisições dos últimos 5 anos, temos de colocar na mesa das prioridades o problema já referido da falta de espaço. Mas a nossa grande prioridade continua a ser o aumento do grau de satisfação dos nossos leitores, o que passa, necessariamente, pela melhoria contínua dos serviços que prestamos a quem usa esta Biblioteca. Investir em informação e conhecimento e nos meios tecnológicos que permitam o acesso fácil, rápido e uma resposta eficaz aos nossos utilizadores é a nossa principal preocupação. Em tempos investimos na aquisição de computadores portáteis para empréstimo dentro da Biblioteca: foi uma inovação que teve um grande impacto e uma enorme aceitação por parte dos leitores, porque com a actual cobertura da rede wireless o leitor pode em qualquer espaço da Biblioteca consultar todos os recursos disponíveis – catálogo, bases de dados, revistas electrónicas, repositórios etc. e pode fazê-lo junto dos livros e revistas em papel utilizando-os em simultâneo e de forma complementar. É nesse tipo de inovação que a Biblioteca está apostada em investir de forma a responder com eficácia às exigências da comunidade académica que serve.

O que não podemos deixar de dizer desta Biblioteca?
Acho que uma visita à Biblioteca real complementada por uma viagem pela Biblioteca virtual (através do site da Biblioteca), poderá contribuir para que fiquemos a conhecer melhor este novo conceito de Biblioteca Universitária, aberta, actual, dinâmica, moderna e para todos, sem excepção. Afinal, o conhecimento é património da Humanidade, e grande parte dele está nas bibliotecas. Em certa medida, nesta, também!